

DA TEORIA COGNITIVA A UMA TEORIA MAIS DINÂMICA, CULTURAL E SOCIOCognITIVA DA METÁFORA

Ulrike Agathe SCHRÖDER¹

- RESUMO: O artigo aborda a pergunta até que ponto os reparos críticos com relação às afirmações tradicionais da teoria cognitiva da metáfora são superados por tendências atuais que se podem observar na assim chamada segunda geração. Depois de resumidos os pontos principais da crítica, são introduzidas três linhas de pesquisa atuais partindo de uma perspectiva cognitiva: a dinamização da visão tradicional pela focalização de estruturas emergentes e de processamento *on-line* na teoria da mesclagem (FAUCONNIER; TURNER, 2006), a ênfase da situatividade da metáfora nas abordagens voltadas para a análise do discurso (CAMERON; DEIGNAN, 2006; STEEN, 2004), e a inclusão de variedade cultural em pesquisas sobre a metáfora (KÖVECSES, 2005). Será mostrado que cada uma dessas linhas de pesquisa destaca um lado específico do triângulo *linguagem – cognição – cultura* e até que ponto a respectiva teoria introduz novos impulsos para a teoria cognitiva da metáfora.
- PALAVRAS-CHAVE: Teoria cognitiva da metáfora; teoria da mesclagem; análise do discurso; variedade cultural.

O surgimento de um novo paradigma: a teoria conceptual da metáfora

Embora nos campos filosófico, psicológico e lingüístico, desde as abordagens de Locke, Vico e Kant até as discussões de Bühler, Blumenberg e Weinrich, já se observe um afastamento explícito da concepção aristotélica que limitava a visão da metáfora à sua função meramente impressionista, apenas a obra *Metaphors we live by* de George Lakoff e Mark Johnson (1980) consegue tornar popular a idéia da metáfora cotidiana.

Nela, os autores concebem a metáfora em termos de um mapeamento entre dois domínios conceptuais, o *domínio fonte* e o *domínio alvo*. Destarte, em expressões como *frases vazias*, *palavras abertas* ou *papo furado*, a FALA é fixada pela imagem de um CONTAINER; em expressões como *batalha das eleições*, *guerra*

¹ UFMG – Faculdade de Letras – 31270-901 – Belo Horizonte – MG – Brasil. Endereço eletrônico: schroederulrike@gmx.com

de partidos ou embate da oposição, POLÍTICA é fixada pela imagem da GUERRA. Como os autores defendem um *realismo encarnado* (*embodied realism*), o foco da teoria está na metáfora conceptual corporificada que forma a base para modelos cognitivos idealizados, gerando nossas estruturas de organização do conhecimento. De acordo com isso, a metáfora é conceptual por natureza, de modo que a linguagem metafórica é vista apenas como a manifestação superficial dessa metáfora mais profunda. Ela permite o entendimento de um domínio abstrato em termos de um outro, mais concreto. Com isso, cada mapeamento representa um conjunto de correspondências entre entidades em um domínio fonte e um domínio alvo. Assim que tais correspondências fixadas forem ativadas, o mapeamento projeta os padrões de inferência do domínio fonte ao domínio alvo. Nisso, a estrutura do esquema imagético do domínio fonte é mapeada de forma coerente ao domínio alvo (*Invariance Principle*) (LAKOFF, 1995).

Desde os primeiros estudos até os dias de hoje, são inúmeras as abordagens que recorrem a essa teoria inicial e, junto ao aumento das publicações sobre metáforas a partir de uma perspectiva cognitiva, crescem também as vozes críticas que pretendem abrir o campo da análise para fenômenos negligenciados pelos pioneiros da primeira geração de estudiosos. Neste trabalho, serão apresentados, inicialmente, os pontos de crítica mais importantes e, em seguida, três linhas de pesquisa atuais no campo da metáfora que buscam superar as faltas da teoria inicial. A escolha dos teóricos segue a tentativa de uma sistematização das teorias existentes atualmente, com respeito ao seu destaque em um dos três lados do triângulo *linguagem – cognição – cultura*, o que implica que elas não representam necessariamente as únicas teorias importantes.

Pontos de crítica na Teoria Conceptual da Metáfora

Como em outros campos da Lingüística Cognitiva, também no campo da teoria cognitiva da metáfora percebe-se por muito tempo uma ênfase no lado cognitivo do triângulo *linguagem, cognição e cultura*; o interesse principal está no indivíduo e em seu funcionamento corporal e psicolingüístico. Por conseguinte, na teoria conceptual da metáfora, o interesse principal dirige-se à cognição: metáforas lingüísticas são apenas vistas como reflexões de uma camada mais profunda do pensamento estruturada metaforicamente, o que é denominado *visão forte* (*strong view*) da metáfora (MURPHY, 1996). Todavia, como Leezenberg (2001, p.145) e Melo Moura (2005, p.116) ilustram, a expressão lingüística não pode ser considerada como logicamente posterior à estrutura conceptual: língua e estrutura conceptual interagem de forma bidirecional, uma vez que fatores lingüísticos e conceptuais são mutuamente dependentes no uso da metáfora. Martins (2002) chega a apontar no tratamento da linguagem

como sistema de representação secundário e subordinado ao pensamento a volta a um essencialismo tradicional do qual os autores, de fato, quiseram despedir-se.

Por esta focalização à estrutura cognitiva subjacente e, junto a isso, a esquemas imagéticos, Lakoff e Johnson (1980) dedicam-se mais à universalidade de tais conceitos do que à variedade cultural, pois esquemas imagéticos são esqueléticos e não têm a riqueza de metáforas estruturais que podem ser entendidas como superestruturas sobre essas estruturas *gestalt* mais básicas. Destarte, a teoria conceptual da metáfora reduz a conceptualização humana a estruturas cognitivas que todos os humanos adquirem, esquemas simples como o do CAMINHO ou o do CONTAINER. Uma vez dada a cadeia monodirecional causal da experiência sensorio-motor a esquemas imagéticos, desses esquemas imagéticos a conceitos abstratos, e desses conceitos a expressões lingüísticas, torna-se difícil explicar como descontinuidades entre seres humanos poderiam ter surgido (ZINKEN, 2004). O problema está nessa unidirecionalidade, e há bastantes exemplos que mostram que essa tese pode ser abalada facilmente. Assim, Jäkel (2003, p.61) cita uma famosa frase de Friedrich Engels que ilustra a direção contrária, a saber, a direção do domínio mais abstrato para o domínio mais concreto: “Na família, o homem é o burguês e a mulher, o proletário”.

Outro aspecto esquecido pela primeira geração é a linguagem em uso, ou seja, o discurso que não apenas influencia conceitos preexistentes, mas também os constitui em parte. Pois significados e também metáforas não necessariamente e nem sempre são conceitos estáveis e culturalmente entrincheirados, mas, sim, são negociados e re-negociados no decorrer da interação social. Sinha e Jensen de López (2000) traçam um paralelo com as falhas de Piaget que, por sua vez, também foi criticado por seu individualismo epistêmico que não considera o contexto sociocultural e comunicativo do desenvolvimento cognitivo. Segundo os autores, como a teoria piagetiana, também a tese da corporificação, aliás, a teoria conceptual da metáfora somente quebra com o paradigma cartesiano parcialmente. Isto é, embora desafie com sucesso o dualismo entre mente e corpo, deixa intacta a oposição entre o indivíduo e a sociedade, um dualismo residual que deixa toda a teoria frente ao perigo de desembocar em um solipsismo neural. Mesmo que a unidirecionalidade do indivíduo à sociedade proclamada por Lakoff e Johnson (1980) não negue a relevância da experiência social, esse fator situacional não é explorado em seguida. A partir de experiências com crianças de línguas distintas, Sinha e Jensen de López demonstram convincentemente que a aquisição de esquemas imagéticos como CONTAINER não necessariamente deva ser um resultado da experiência corporificada, mas, sim, pode ser também uma consequência da interação social. Eles chegam à conclusão de que a tese da corporificação deva ser estendida para “além do corpo”.

Três linhas de pesquisa atuais

Gilles Fauconnier e Mark Turner e a teoria da mesclagem em redes de integração

Para Fauconnier e Turner (2003), metáforas representam um subcaso da mesclagem ao qual eles se dedicam cada vez mais. Mapeamentos entre espaços mentais são vistos como o núcleo da habilidade cognitiva humana da produção, transposição e do processamento de significado. Aí, a linguagem visível é apenas o “pico do iceberg”² (FAUCONNIER, 1999, p.1) da construção invisível que permanece enquanto estamos pensando e falando. O fenômeno-chave responsável pelo fato de que não apenas reproduzimos os mundos simbólicos já existentes, mas, sim, também produzimos novidades, é a mesclagem: “Ele [a mesclagem] consiste em integrar estruturas parciais de dois domínios separados em uma única estrutura com propriedades emergentes dentro de um terceiro domínio”³ (FAUCONNIER, 1999, p.22).

Com a teoria da mesclagem, os autores recorrem a um tema já abordado pelo egiptólogo Alan Henderson Gardiner e pelos psicólogos Karl Bühler e Wilhelm Stählin no início do século XX. Como Gardiner destaca no seu livro *A theory of speech and language* (1951), o processamento da fusão ou “blending” (GARDINER, 1951, p.169) é mais espetacular no caso da metáfora. Bühler (1982) descreve o processo metafórico como uma fusão de esferas distintas na qual conhecimentos lingüístico e não-lingüístico se mesclam. Ele compara esse processo a uma projeção visual que passa por dois filtros que se cobrem reciprocamente em parte. Já Stählin estabelece a distinção entre *Sache* (objeto) e *Bild* (imagem), realçando que tanto o domínio fonte como o domínio alvo da terminologia de Lakoff e Johnson contribuem para a mesclagem:

em uma palavra: eu não apenas puxo a imagem para dentro da esfera do objeto, mas sim, também puxo o objeto para dentro da esfera da imagem. Há um intercâmbio das características, uma união das duas esferas, uma fusão. (STÄHLIN, 1913, p.324)⁴

A teoria da mesclagem de Fauconnier e Turner baseia-se na imagem de espaços mentais que são vistos como estruturas parciais e temporariamente representadas, criadas por locutores falando ou refletindo sobre situações

² “tip of the iceberg”.

³ “it [blending] consists in integrating partial structures from two separate domains into a single structure with emergent properties within a third domain”.

⁴ „kurzum: ich ziehe nicht nur das Bild in die Sphäre des Sachgegenstandes, sondern auch die Sache in die Sphäre des Bildes hinein. Es findet ein Austausch der Merkmale, eine Vereinigung der beiderseitigen Sphären, eine Verschmelzung von Bild und Sache statt”.

percebidas ou imaginadas no passado, presente ou futuro. Como Grady, Oakley e Soulson (1999) observam, espaços mentais não são equivalentes aos domínios de Lakoff e Johnson (1980), mas sim, eles dependem deles: espaços mentais representam cenários particulares estruturados por domínios dados. O ponto crucial é que, ao contrário de Lakoff e Johnson, na teoria da mesclagem, os *dois* espaços input trazem sua própria estrutura ao espaço mescla, o que rompe com a tese da unidirecionalidade de Lakoff e Johnson.

No seu livro *Mappings in thought and language* (1999), Fauconnier observa pela primeira vez o fenômeno da metáfora como subcaso da mesclagem explicitamente, dirigindo sua atenção à desconcordância entre os dois espaços input. A partir do exemplo *cavar seu próprio túmulo*, Fauconnier mostra como, a despeito da tese da invariância estabelecida por Lakoff (1995), inferências do domínio fonte são violadas na mescla: a estrutura causal é invertida por ações tolas que causam falhas, embora cavar um túmulo não cause morte. A estrutura intencional também não coincide, pois ninguém cava um túmulo inconscientemente. A estrutura do *frame* de agentes, pacientes e seqüência não é preservada. Sabemos que o paciente morre e o agente cava o túmulo. No entanto, na metáfora, os papéis do agente e do paciente mesclam e a ordem de eventos é inversa. Por conseqüência, a mesclagem cria uma estrutura emergente por herdar do domínio fonte a estrutura concreta de túmulos, cavar e enterro, e por herdar do domínio alvo as estruturas causal, intencional e do evento interno.

Atualmente, Fauconnier e Turner (2006) já apresentam uma terminologia modificada e não apenas falam de dois espaços input, mas, sim, de uma rede de integração que indica uma estrutura mais rica do que as meclagens aos pares mais idealizadas que ainda se encontram em suas primeiras abordagens:

Produtos conceptuais nunca representam o resultado de um único mapeamento. O que nós chamamos metáforas conceptuais, como TEMPO É DINHEIRO ou TEMPO É ESPAÇO, vem a ser construções mentais envolvendo muitos espaços e muitos mapeamentos em redes de integração elaborados, construídos através de princípios gerais distintos. Essas redes de integração são muito mais ricas do que os feixes de ligações aos pares tratados em teorias recentes da metáfora. (FAUCONNIER; TURNER, 2006)⁵

Portanto, tais redes de integração são criadas a partir de vários espaços input e constituídas por estruturas convencionais e inovações; trata-se de um processo dinâmico denominado *cobbling & sculpting* pelos autores. Isto é, por

⁵ Conceptual products are never the result of a single mapping. What we have come to call conceptual metaphors like TIME IS MONEY or TIME IS SPACE, turn out to be mental constructions involving many spaces and many mappings in elaborate integration networks constructed by means of overarching general principles. These integration networks are far richer than the bundles of pairwise bindings considered in recent theories of metaphor.

um lado, culturas constroem redes no decorrer do tempo que são transmitidas pelas gerações. Por outro lado, pessoas são capazes de criar algo novo em qualquer contexto particular. Por isso, em redes de integração encontramos partes convencionais, mas também mapeamentos novos e as assim chamadas compressões que surgem logo que topologias de espaços distintos se chocam. Nesse momento, a partir de processos de compressão e descompressão, na mesclagem, são criadas contrafactuais nas relações temporais, espaciais ou de identidade. Destarte, por exemplo, o cenário de dois homens boxeando dá um *frame* para comprimir nosso entendimento sobre dois chefes de empresas distintas que estão em competição. Temos aqui um mapeamento entre os espaços input *boxe* e *negócios* no qual a topologia do *frame* é organizada basicamente pela topologia do espaço input *boxe*.⁶ *os dois boxeadores* são mapeados aos *dois chefes*, *um soco no estômago* a *um esforço de um dos chefes* e *continuar no ringue* a *continuar na competição*. Por conseguinte, temos input 1 *boxear* (boxeador 1, boxeador 2, um boxeador nocauteia o outro), input 2 *negócios* (chefe 1, chefe 2, um chefe vence o outro), o espaço genérico (competição entre competidores) e a mesclagem *chefes boxeando* (chefe 1 boxeando, chefe 2 boxeando, um chefe nocauteia o outro). A compressão ocorre nos níveis temporal, local e dos agentes envolvidos: na mesclagem, temos duas pessoas que são boxeadores e estão no ringue, por exemplo, por meia hora, ao contrário dos chefes das empresas, que estão em competição por um período temporal bem maior, de forma que suas ações relevantes também ocorrem durante um período temporal maior, envolvendo mais do que apenas dois agentes e acontecendo em locais diferentes.

Finalmente, Fauconnier e Turner (2006) apresentam mesclagens múltiplas nas quais se observa uma fusão de vários espaços input muitas vezes baseada em mesclagens já existentes que agora servem como um novo espaço input. Desta forma, principalmente, abrem-se possibilidades para inúmeras novas mesclagens. A frase “Nosso casamento foi ontem. Para onde foram todos aqueles anos?” fornece um exemplo para tal. Num primeiro nível, temos uma mesclagem entre input 1 *eventos* (casamento) e input 2 *tempo* (movimento experimentado por meio de espaço físico) que resulta no espaço mescla *metáfora da estrutura do evento* (nós passamos por um casamento como passamos por um parque, um tal evento pode ser rápido para uma pessoa e lento para outra), formando o novo input 1 que, juntamente com o input 2 *longitude do tempo objetivamente medida* (“todos aqueles anos”), choca com o input 3 *experiência subjetiva* (“ontem”). Por fim, este novo espaço mescla forma o input 1 ao qual se acrescenta um input 2, formando, por sua vez, um espaço mescla como resultado da fusão entre *memória* e *espaço físico*, de modo que o resultado final consiste em vários espaços input de níveis diferentes.

⁶ Por isso, os autores chamam esse caso de mesclagem também “single-scope network” (FAUCONNIER; TURNER, 2003, p.126-131).

Resumidamente, ao passo que a teoria conceptual da metáfora identifica, prioritariamente, padrões regulares e convencionais de metáforas e trata, desse modo, de estruturas de conhecimento estáveis e representadas na memória de longo prazo, a teoria das redes de integração dirige-se explicitamente a exemplos novos e únicos, buscando modelar a evolução dinâmica das representações *on-line* de locutores em situações concretas.

Lynne Cameron, Alice Deignan e Gerard Steen e a contextualização da metáfora no discurso

A focalização da teoria da mesclagem a aspectos emergentes e transitórios da linguagem e do pensamento é inovador, apresentando um grande passo no caminho a uma cognição situada. Não obstante, simultaneamente, cognição continua sendo entendida por meio do prisma do sujeito individual e dos seus processos mentais internos, como Sinha (2005, p.1538) critica. Pois ainda não chegamos a saber nada sobre o modo como tais construtos são encaixados em estruturas normativas de ação e interação apropriadas culturalmente. Falta uma perspectiva na qual a mente é distribuída socialmente entre pessoas pelo fato de que a cognição ainda continua presa no corpo e no indivíduo.

Lynne Cameron (1999) propõe uma aproximação socioconstrutivista ao fenômeno da metáfora. Em um primeiro passo, ela distingue entre um nível de análise teórica, onde acontece a subcategorização da metáfora e sua identificação, e um nível de análise de processamento, que lida com o processamento em tempo real por parte das pessoas ocupadas em suas tarefas de produção e compreensão dos dados linguísticos.⁷ É uma perspectiva da linguagem em uso que focaliza a interação social no processamento sendo efetuado. É esse segundo nível de análise que ela pretende abordar.

Para Cameron (2007), metáforas conceptuais no sentido de Lakoff e Johnson parecem diferentes daquilo que pessoas dizem ou escrevem dentro de uma situação atual. Outrossim, pessoas apenas usam partes de um domínio específico. Ela frisa que a natureza dialógica da maior parte da linguagem em uso foi suplantada nas teorias cognitivas da metáfora e na psicologia cognitiva de forma geral. Em substituição, a autora sugere uma visão da conversação vis-

⁷ Essa diferença lembra a diferença-chave entre a *perspectiva extracomunicativa* e a *perspectiva comunicativa* estabelecida pelo comunicólogo Gerold Ungeheuer (2004, p.22-35). Enquanto a perspectiva extracomunicativa se refere à linguagem como sistema, a perspectiva comunicativa busca analisar como indivíduos põem e manejam a língua em comunicação atual, o que significa para eles colocar uma enunciação numa situação dada e como eles realizam o entendimento de um enunciado colocado pelo outro. Para Ungeheuer, que estabeleceu essa diferença principal nos anos sessenta, foi importante a exigência de uma Ciência da Comunicação que abordasse questões a partir de uma perspectiva comunicativa.

à-vis como processo de *talking-and-thinking* no qual há uma interação permanente entre cognição e linguagem que, por conseguinte, não podem ser concebidas como domínios restritamente separados. Afastando-se das metáforas conceptuais, Cameron e Deignan (2006) introduzem o termo *metaphores* para denominar expressões não-literais, sendo fusões de forças linguísticas, semânticas, afetivas e pragmáticas em estados atratores que aparecem dentro de um discurso como feixes de padrões relativamente estáveis em uso. Tais *metaphores* estabilizados resultam de usos individuais e convenções socioculturais. Um exemplo dado por elas são expressões linguísticas como frases de verbos compostos que combinam uma ação física simples com uma ação de linguagem como, por exemplo, *sit down and talk* ou *turn around and say*. Elas representam expressões usadas com significados ocupando um espaço desfocado no sentido que, às vezes, pode ser entendido metaforicamente e, às vezes, apenas literalmente, mas ao mesmo tempo simbolicamente. Com esta capacidade para variedade, elas apresentam um instrumento particularmente sutil e útil para a comunicação humana.

Como a interpretação de tais expressões como metafórico ou simbólico depende do contexto de uso, também, muitas vezes, é impossível denominar um tópico explícito sobre o qual se fala por meio de um veículo que transfere sua topologia metaforicamente ao tópico em questão. É o discurso como um todo que constrói o domínio do tópico ao qual o veículo da metáfora é conectado. Por isso, elas também propõem uma metodologia indutiva que sistematiza o material a partir do discurso dado, seguindo o modelo da *grounded theory*. Na teoria de Cameron, não se necessita da suposição da existência de metáforas conceptuais localizadas nas mentes dos participantes em um discurso, o que permite causalidade recíproca, isto é, do indivíduo ao mundo social e do mundo social ao indivíduo. Ela substitui, assim, a teoria de que o uso da linguagem seria motivada pela metáfora conceptual.

Em suas pesquisas sobre metáforas em uso, Cameron e Deignan abrem espaço para levar em consideração também o ouvinte, ou seja, o lado do entendimento dentro da comunicação que ainda não foi tematizado nas abordagens da primeira geração da teoria cognitiva da metáfora. Em uma recente pesquisa (CAMERON; DEIGNAN, 2003), elas analisam o discurso em aulas de escolas do primeiro grau na Inglaterra e descobrem a importância de palavras de indicação como *just*, *like* ou *sort of*, nomeadas por elas como *tuning devices*, para realçar a função de tais palavras como pistas de orientação para o ouvinte. Isso seria possível pelo fato de elas direcionarem a interpretação da metáfora ou por canalizarem sua força. As autoras descobriram também que tais *tuning devices* foram usados com um alto grau de sensibilidade em respeito ao conhecimento linguístico dos ouvintes, considerando o fato de que talvez as

crianças não estejam familiarizadas com os respectivos usos metafóricos de expressões lingüísticas. Destarte, tais pistas podem ser usadas para evitar que uma metáfora seja entendida literalmente.

O objetivo de Gerard Steen segue uma direção semelhante. Resumindo a grande contribuição da teoria cognitiva da metáfora, ele também chega a perceber suas limitações:

Um efeito paradoxal do turno cognitivo nos estudos de metáfora foi a negligência da análise lingüística da linguagem metafórica. Muitos pesquisadores concentraram-se em estabelecer as conexões conceptuais pressupostas entre expressões metafóricas relacionadas, mas não se voltaram para analisar como e por quê quais metáforas conceptuais são exprimidas da forma como são em quais contextos de linguagem em uso. (STEEN, 2002, p.386)⁸

Segundo ele, há uma diferença crucial entre a postulação de metáforas conceptuais como *A VIDA É UMA VIAGEM* e sua ilustração a partir de exemplos bem escolhidos, e a identificação de expressões em discursos *on-line* que são relacionadas a tais metáforas conceptuais. Em seus desdobramentos, nota-se um interesse cada vez mais voltado para o lado do ouvinte, ou seja, para o processo de entendimento de uma metáfora, buscando pelas propriedades do discurso que influenciam o seu reconhecimento. Para tal, Steen realizou uma experiência com estudantes de graduação na qual ele apresentou uma breve introdução à teoria cognitiva da metáfora, antes que todos recebessem o texto integral da canção *Hurricane*, de Bob Dylan (STEEN, 2004). Em seguida, após serem informados sobre os pontos mais relevantes da história sobre a qual Dylan canta, os alunos ouviram a canção e foram solicitados a ler o texto e sublinhar todas as partes que parecessem incluir uma metáfora.

Para a análise dos resultados, Steen desenvolve um quadro de interpretação composto por três funções cognitivas que são decisivas para o ouvinte no processo de entendimento: a estrutura conceptual, a estrutura lingüística e a estrutura comunicativa. No nível da estrutura conceptual, revelou-se que os estudantes tiveram mais facilidade para entender metáforas explícitas como, por exemplo, "Justice is a game" do que metáforas implícitas como "Here comes the story of the Hurricane". Da mesma forma, o reconhecimento de metáforas complexas foi mais fácil do que o de metáforas simples. No nível da estrutura lingüística, metáforas nominais foram reconhecidas de forma mais

⁸ "One paradoxical effect of the cognitive turn in metaphor studies has been the neglect of the linguistic analysis of metaphorical language. Many metaphor scholars have concentrated on fleshing out the presumed conceptual connections between related metaphorical expressions, but they have not really turned back to examine how and why which conceptual metaphors are expressed in the way they are in which contexts of language use."

freqüente do que metáforas verbais. Steen explica essa descoberta a partir da relação conceptual que essas formas gramaticais representam. Destarte, segundo Steen, a maioria das entidades é concreta por natureza, ao passo que relações e atributos são abstrações de entidades em situações por definição. Por conseqüência, metáforas nominais podem ser representadas com mais facilidade como desviantes de descrições reais do mundo. Obviamente, há um alto efeito imagético em relação à reconhecibilidade. Finalmente, no nível da estrutura comunicativa, a posição da metáfora no texto teve um papel muito importante. Metáforas pós-verbais foram descobertas com mais freqüência do que metáforas pré-verbais, o que Steen explica pela posição geralmente pós-verbal do rema que representa a informação nova numa frase e à qual, normalmente, se dirige a atenção do ouvinte ou do leitor. Pelo mesmo motivo, metáforas no final de um parágrafo e no final do texto foram reconhecidas com mais freqüência: quanto mais o leitor avança no texto, tanto maior, mais específico e mais concreto se torna o mundo textual projetado. Pois, principalmente, o número de participantes e eventos potenciais do mundo do texto torna-se cada vez menor no desenvolvimento do texto. Isso implica que uma expressão não-literal também seja mais destacada. Com sua pesquisa, Steen oferece uma inovadora ilustração da grande importância que a textualidade apresenta na determinação da recepção de uma metáfora em uma situação concreta.

Zóltan Kövecses e a variedade cultural de metáforas congruentes

Já se reflete, no prefácio do seu livro *Metaphor and emotion* o fato de que o lingüista húngaro Zoltán Kövecses, por um lado, prossiga com a tradição de Lakoff e Johnson, mas, por outro lado, supere a sua visão unidirecional por considerar mais a força criadora de realidade da própria linguagem:

A linguagem das emoções não será vista como uma coleção de palavras literais que categoriza e se refere a uma realidade emocional pré-existente, mas sim, como linguagem que pode ser figurativa e que pode definir e até criar experiência emocional para nós. (KÖVECSES, 2003, p.xii; destaque pela autora)⁹

Enfim, em seu livro *Metaphor in culture* (2005), Kövecses postula que as lingüistas cognitivistas superestimaram a universalidade de algumas estruturas metafóricas. Entretanto, segundo Kövecses (2005, p.293), a metáfora é concebida ao mesmo tempo como um fenômeno lingüístico, conceptual, neural, corporal,

⁹ "Emotion language will not be seen as a collection of literal words that categorize and refer to a preexisting emotional reality, but as *language* that can be figurative and that can define and *even create* emotional experiences for us."

social e cultural. As causas das quais universalidade e variedade da metáfora dependem incluem incorporação como a base neuro-corporal, experiência sociocultural e processamento cognitivo, o que implica preferências cognitivas e estilísticas. Kövecses realmente busca uma integração dos três fatores: *linguagem, cognição e cultura*.

A diferença-chave que ele introduz ocorre entre *metáforas primárias*, um termo que ele toma emprestado de Grady (1997), e *metáforas congruentes*. A distinção desses dois termos inclui simultaneamente a distinção entre universalidade e variedade cultural: enquanto metáforas primárias são geradas por correlações entre dimensões distintas de experiências corpóreas básicas, independentes de influências culturais,¹⁰ a metáfora congruente fornece a essa base uma estrutura viva e imagens concretas.¹¹ Kövecses (2005, p.68-69) começa a analisar a metáfora conceptual A PESSOA ZANGADA É UM CONTAINER COM PRESSÃO, afirmando haver evidências da existência dessa metáfora em tantas outras línguas – em chinês, japonês, húngaro, wolof, zulu e polonês – o que dá a impressão de que essa metáfora poderia ser um conceito universal. Todavia, essa metáfora atua em um nível extremamente genérico. Ela não especifica muitos aspectos que poderiam ser especificados. Por exemplo, ela não diz que tipo de container é usado, como a pressão aumenta, se o container é quente ou não, que tipo de substância está no container, que consequências a explosão teria etc. A metáfora constitui um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que dele dispõe em congruência com essa metáfora primária. Se isso acontecer, o esquema genérico recebe um conteúdo cultural único em um nível específico. Desse modo, a metáfora primária A PESSOA ZANGADA É UM CONTAINER COM PRESSÃO torna-se, em japonês, RAIVA ESTÁ NA HARA (ESTÔMAGO) (MATSUKI, 1995). Em chinês, ela especifica-se de forma que a substância do container é imaginada como *qui*, isto é, energia que voa pelo corpo. Com isso, a substância não é um líquido como em inglês, mas sim, um gás, um conceito que é entrincheirado na história, filosofia e medicina chinesas (YU, 1998). Em zulu, encontram-se as metáforas RAIVA/DESEJO É FOME, RAIVA É NO CORAÇÃO e RAIVA É UMA FORÇA NATURAL (TAYLOR; MBENSE, 1998). Essa conceptualização exerce uma grande influência no modelo cultural que as pessoas da cultura zulu têm

¹⁰ Buscando uma interligação do seu termo da *metáfora primária* com a teoria da mesclagem, Grady, (2005, p.1608-1609) define a função dessas metáforas da seguinte forma: "Nesse sentido, poderia ser apropriado entender padrões metafóricos primários como algo parecido a modelos em oposição às conceptualizações mais camais e mescladas, constituindo metáforas per se. Metáforas primárias tendem a representar mais *padrões* genéricos do que instantâneos concretos e vivos" ("In this sense it may be appropriate to consider primary metaphorical patterns as something like templates, as opposed to the more fleshed-out, blended conceptualizations which constitute metaphors per se. Primary metaphors are generic *patterns*, rather than concrete, vivid *instantiations*").

¹¹ Essa distinção implica paralelos com as distinções entre *primary* e *complex metaphors* de Grady (1997), entre *ground* e *figure models* de Baranov e Zinken (2003) e entre *bildschematische Metaphern* (*metáforas de esquemas imagéticos*) e *Konstellationsmetaphern* (*metáforas de constelação*) de Baldauf (1997).

do conceito *raiva*. Ao invés de canalizar sua raiva em direção a um alvo específico – em geral, a pessoa que causou a raiva –, elas respondem menos direcionadas e comportam-se de forma agressiva perante qualquer pessoa. Ademais, o envolvimento do coração na metáfora RAIVA É NO CORAÇÃO recorre a um local menos comum em línguas ocidentais. Quando a metáfora do CORAÇÃO é usada em inglês, ela é associada a amor. Em zulu, ela é aplicada para denominar o local de vários estados, por exemplo, paciência e impaciência, tolerância e intolerância etc. Esses exemplos ilustram como uma metáfora no nível genérico torna-se uma metáfora específica em dependência da respectiva cultura.

O último exemplo já mostrou um outro fator de influência da variedade cultural: o alcance da metáfora, pois, no caso do zulu, o alcance da fonte CORAÇÃO é maior do que em inglês, pelo fato de atingir mais alvos. Outro exemplo é a fonte EDIFÍCIO: em inglês, essa metáfora é aplicada a TEORIAS, RELAÇÕES PESSOAIS, CARREIRAS, EMPRESAS, SISTEMAS ECONÔMICOS ou GRUPOS SOCIAIS, enquanto, em outras culturas, nem todos os alvos são aproveitados. No árabe falado na Tunísia, por exemplo, a metáfora RELAÇÕES PESSOAIS SÃO EDIFÍCIOS não é aplicada, uma vez que, de forma geral, há pouca conversação sobre relações pessoais. Por outro lado, essa fonte é aplicada de modo muito mais convencionalizado tendo como alvo EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS. (KÖVECSÉS, 2005, p.72-78).

Aparentemente, culturas variam também com respeito às preferências de suas conceptualizações metafóricas. Em seu estudo sobre a conceptualização da vida nas culturas húngara e norte-americana, Niki Köves (2002) descobriu que os americanos preferem metáforas como A VIDA É UM BEM PRECIOSO e A VIDA É UM JOGO, ao passo que, entre os húngaros, as metáforas A VIDA É GUERRA e A VIDA É UM COMPROMISSO foram mais freqüentes. Ele atribui esses resultados, entre outros, à história mais dolorosa pela qual a nação húngara passou.

Em meu estudo que compara o conceito de amor de estudantes brasileiros com o de estudantes alemães (SCHRÖDER, 2004), cheguei à conclusão que a maior diferença não se encontra na presença ou ausência de um conceito, mas, sim, na divergência quanto a conceptualizações preferidas. Destarte, nas trinta entrevistas realizadas em cada cultura, foram encontradas duas metáforas nas entrevistas brasileiras que sequer apareceram nas entrevistas alemãs: AMOR É COMIDA e AMOR É CONQUISTA. Pelo lado alemão, foram freqüentes as metáforas AMOR É UM BOM NEGÓCIO e AMOR É UM APARELHO FUNCIONANDO, que, analogamente, não foram mencionadas nas entrevistas brasileiras (SCHRÖDER, 2006). Não obstante, isso não implica que as metáforas não são conhecidas na outra cultura, mas sim, que o uso recorrente indica se tratarem de metáforas convencionais que refletem uma preferência da respectiva cultura que pode ser encaixada no respectivo pano de fundo histórico-cultural. Destarte, no caso da conceptualização do amor, enquanto na Alemanha o ideal do amor romântico,

que destaca a duração do amor por interligar sexualidade e amizade, é mais difundido, no Brasil, em muitos contextos, o ideal do amor apaixonado, que acentua a paixão do momento, é mais saliente (SCHRÖDER, 2004). O sociólogo Niklas Luhmann (1996) entende a paixão exigida neste conceito do amor como liberdade de ação camuflada por passividade e força. Aí, por um lado, a incapacidade de se defender contra o próprio destino e, por outro lado, o planejamento quanto à conquista do outro formam uma conexão que leva a um aumento da paixão e que pode ser descrita a partir dos paradoxos “auto-submissão que conquista, sofrimento desejado, cegueira que vê, doença preferida, prisão preferida, martírio doce”¹² (LUHMANN, 1996, p.83). Junto à esfera da ação, o ritual da conquista e da submissão corresponde a estas pseudo-oposições no caso brasileiro. Da mesma forma, a imagem do amor corporal como ato da alimentação está onipresente em muitas esferas da cultura brasileira, como na literatura ou na música, etc. Nem sequer finalmente esta presença tem raízes histórico-culturais, como se encontra na combinação da idéia bíblica sobre o desejo pecador da carne e do mito brasileiro do paraíso, que, por sua vez, produz a imagem da mulata sensual. Diferentemente, nos enunciados alemães domina a lei da maximalização, típica para sociedades com uma influência maior do protestantismo e do individualismo: assim como a lógica do processo tecnológico da produção tende a um maior aumento possível dos resultados – maior, melhor, mais barato, mais efetivo, mais forte, mais rápido –, esse axioma também se transfere a outros setores da vida social.

Mesmo focalizando primeiramente a metáfora conceptual, Kövecses (2005, p.157-160) também trata de contextos comunicativos que revelam modos de comportamento ligados a valores culturais. Assim, ele constata que, na cultura britânica, os participantes da comunicação usam expressões metafóricas que pertencem à metáfora AMOR É UMA VIAGEM mais para falar sobre outras pessoas do que para falar sobre si mesmo. Além disso, quando eles utilizam tais expressões, eles o fazem com pistas de contextualização como *rather, a bit, ou don't you think*, o que corresponde ao que Cameron chama *tuning devices*. Kövecses conclui que a maior explicitidade apresentada no uso onipresente dessa metáfora na cultura norte-americana reflete um grau de extroversão mais alto do que na cultura britânica.

Finalmente, Kövecses (2005, p.88-113) fornece uma série de exemplos para ilustrar as dimensões divergentes nas quais variedade intracultural pode ocorrer. Na dimensão social, por exemplo, observa-se uma diferença na maioria das culturas ocidentais acerca de metáforas usadas para a mulher, ao contrário do homem. Aí, encontram-se metáforas como MULHERES SÃO AVES (perua, galinha)

¹² “erobrende Selbstunterwerfung, gewünschtes Leiden, sehende Blindheit, bevorzugte Krankheit, bevorzugtes Gefängnis, süßes Martyrium”.

e, em contrapartida, para homens, metáforas como HOMENS SÃO ANIMAIS ENORMES (tigre, touro).

Balaban (1999) traz à tona como conceitos podem variar em dependência da dimensão religiosa. Ele compara o uso da metáfora SABER É VER em contextos cotidianos e religiosos, chegando à conclusão de que, por exemplo, para *pilgrims*, esta metáfora é inapropriada porque eles se consideram como fontes passivas, mas, ao mesmo tempo, confiantes do conhecimento divino. Em substituição, eles preferem expressões metafóricas como “Eu sei isto no meu coração” ou “As portas na minha mente estão abertas”.

Conclusão

Foram apresentadas três linhas de abordagens diferentes que compartilham com sua tentativa de superar algumas das restrições e inflexibilidades impostas pela teoria cognitiva da metáfora da primeira geração.

Enquanto a teoria da mesclagem e das redes de integração, segundo Fauconnier e Turner, tira as metáforas do seu estado estável e invariável por dinamizar o processo da cognição, focalizando o domínio-mescla com suas estruturas emergentes e inovativas no momento da geração, as teorias de Cameron, Deignan e Steen, mais motivadas pelas tradições no campo da análise do discurso, pretendem delinear novos caminhos para pesquisas sobre a metáfora no seu contexto. Desse ângulo, metáforas não são mais concebidas como produtos pré-feitos que nosso estoque cognitivo simplesmente disponibiliza assim que tiver ações discursivas, mas, sim, como um instrumento lingüístico que também constrói um contexto cognitivo e cultural em dependência da situação comunicativa dada. Destarte, a linguagem é retirada da sua passividade e colocada em ação, de modo que seria mais apropriado entender a relação entre linguagem e cognição como um entrelaçamento das ações *pensar* e *falar*. Além disso, percebe-se uma integração crescente do interlocutor que ainda é negligenciada em muitas teorias.

Finalmente, os desdobramentos sobre universalidade e variedade cultural segundo Kövecses e os estudos interculturais citados ilustraram como o lado menos contemplado do triângulo, *cultura*, pode ser acrescentado à teoria cognitiva da metáfora sem a necessidade de quebrar com suas suposições básicas. Destarte, estudos interculturais focam mais em metáforas congruentes, ao passo que, por muito tempo, foram quase exclusivamente as metáforas primárias que estavam no centro do interesse de lingüistas e psicólogos cognitivistas. Nessa transposição da atenção percebe-se, por um lado, a tentativa de interligar os três aspectos por meio dos quais o fenômeno da metáfora pode

ser observado – linguagem, cognição e cultura. Por outro lado, aponta às oportunidades de uma integração de metodologias e focalizações distintas no âmbito de uma teoria sociocognitiva da metáfora.

Por destacar, respectivamente, um aspecto desse triângulo de forma exclusiva, as vertentes apresentadas contribuem para uma extensão contínua e, com isso, com uma atualização da teoria cognitiva da metáfora. A teoria da mesclagem dedica-se à cognição em uso, as abordagens de Cameron, Deignan e Steen, a partir de uma perspectiva da análise do discurso, buscam direcionar o seu interesse à metáfora na linguagem em uso, e, finalmente, Kövecses e as pesquisas alinhadas a essa perspectiva destacam a variedade cultural que deveria ser considerada ainda mais nos estudos sobre metáforas.

SCHRÖDER, U. A. From cognitive metaphor theory to a more dynamic, cultural and social-cognitive approach. *Alfa*, São Paulo v.52, n.1, p.39-56, 2008.

- *ABSTRACT: The article deals with the question of the extent to which frequent points of criticism regarding the traditional assumptions of cognitive metaphor theory are overcome by current tendencies in the so-called second generation of CMT. After summarizing the main points of criticism, I will introduce three different current approaches to metaphor from a cognitive point of view: the dynamization of the traditional view by focussing on emergent structures and on-line processing in blending theory (FAUCONNIER; TURNER, 2006), the emphasizing of the situatedness of the metaphor in by discourse analysis approach (CAMERON; DEIGNAN, 2006; STEEN, 2004), and the inclusion of cultural variation in metaphorical research (KÖVECSES, 2005). This article points out that each of these approaches stresses a specific side of the triangle language – culture – cognition and explains to what extent each respective contribution introduces new directions for CMT.*
- *KEYWORDS: Cognitive metaphor theory; blending theory; discourse analysis; cultural variation*

Referências

BALABAN, V. Self and agency in religious discourse: perceptual metaphors for knowledge at a Marian apparition site. In: GIBBS, R.; STEEN, G. *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p.125-144.

BALDAUF, C. *Metapher und Kognition: Grundlagen einer neuen Theorie der Alltagsmetapher*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.

BARANOV, A.; ZINKEN, J. Die metaphorische Struktur des öffentlichen Diskurses in Russland und Deutschland: Perestrojka- und Wende-Periode. In: SYMANZIK, B.; BIRKFELLNER, G.; SPROEDE, A. *Metapher, Bild und Figur. Osteuropäische Sprach- und Symbolwelten*. Hamburg: Kovac, 2003. p.93-121.

BÜHLER, K. *Sprachtheorie: die Darstellungsfunktion der Sprache*. Stuttgart: Fischer, 1982.

CAMERON, L. Operationalising metaphor for applied linguistic research. In: _____; LOW, G. *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.3-28.

_____. Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, La Rioja, v.5, p.107-135, 2007.

_____.; DEIGNAN, A. Combining large and small corpora to investigate tuning devices around metaphor in spoken discourse. *Metaphor and Symbol*, Santa Cruz, v.18, n.3, p.149-160, 2003.

_____.; _____. The emergence of metaphor in discourse. *Applied Linguistics*, Oxford, v.27, p.671-690, 2006.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Rethinking metaphor. In: GIBBS, R. *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Disponível em: <<http://www.cogsci.ucsd.edu/~faucon/RethinkingMetaphor19f06.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2007.

FAUCONNIER, G., TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2003.

GARDINER, A. H. *The theory of speech and language*. Oxford: Clarendon Press, 1951.

GRADY, J. E. Primary metaphors as inputs to conceptual integration. *Journal of Pragmatics*, Odense, v.37, p.1595-1614, 2005.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Ph.D) – University of California at Berkeley, Department of Linguistics, Berkeley, 1997.

GRADY, J. E.; OAKLEY, T; SOULSON, S. Blending and metaphor. In: STEEN, G.; GIBBS, R. *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p.101-124.

JÄKEL, O. *Wie Metaphern Wissen schaffen: die kognitive Metapherntheorie und ihre Anwendung in Modell-Analysen der Diskursbereiche Geistestätigkeit, Wirtschaft, Wissenschaft und Religion*. Hamburg: Kovaè, 2003.

KÖVECSES, Z. *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

- KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- KÖVES, N. *Hungarian and American dreamworks of life*. Term paper – Department of American Studies, Eötvös Loránd University, Budapest, 2002.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.202-251.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LEEZENBERG, M. *Contexts of metaphor*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- LUHMANN, N. *Liebe als Passion. Zur Codierung von Intimität*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996.
- MARTINS, H. Sobre linguagem e pensamento no paradigma experiencialista. *Veredas*, Juiz de Fora, v.6, n.1, p.75-90, 2002.
- MATSUKI, K. Metaphors of anger in Japanese. In: TAYLOR, J. R.; MACLAURY, R. E. *Language and the cognitive construal of the world*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995. p.137-151.
- MELO MOURA, H. M. Metáforas e Regularidades Lingüísticas. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. *Lingüística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005. p.109-119.
- MURPHY, G. L. On metaphoric representation. *Cognition*, York, v.60, p.173-204, 1996.
- SCHRÖDER, U. *Liebe als sprachliches Konstrukt. Eine kulturvergleichende Studie zwischen deutschen und brasilianischen Studenten*. Aachen: Shaker, 2004.
- SCHRÖDER, U. Conceitos metafóricos na comparação: uma contribuição à *Landeskunde* intercultural – dois exemplos da prática do ensino da língua estrangeira no contexto brasileiro. In: BENN-IBLER, V. *Interfaces culturais Brasil – Alemanha*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. p.49-69.
- SINHA, C. Blending out of the background: play, props and staging in the material world. *Journal of Pragmatics*, Odense, v.37, p.1537-1554, 2005.
- SINHA, C.; JENSEN DE LÓPEZ, K. Language, culture and the embodiment of spatial cognition. *Cognitive Linguistics*, Nijmegen, v.11, n.1/2, p.17-41, 2000.
- STÄHLIN, W. Zur Psychologie und Statistik der Metaphern. Eine methodologische Untersuchung. *Archiv für die gesamte Psychologie*, Frankfurt, v.31, p.297-425, 1913.
- STEEN, G. Identifying metaphor in language: a cognitive approach. *Style*, Dekalb, v.36, n.3, p.386-407, 2002.

STEEN, G. Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition? *Journal of Pragmatics*, Odense, v.36, p.1295-1313, 2004.

TAYLOR, J.; MBENSE, T. Red dogs and rotten mealies: how Zulus talk about anger. In: ATHANASIADOU, A.; TABAKOWSKA, E. *Speaking of emotions: conceptualization and expression*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p.191-226.

UNGEHEUER, G. *Sprache und Kommunikation*. Münster: Nodus Publikationen, 2004.

YU, N. *The contemporary theory of metaphor: a perspective from Chinese*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

ZINKEN, J. Metaphors, stereotypes, and the linguistic picture of the world: impulses from the Ethnolinguistic School of Lublin. *metaphorik.de*, Bonn, 7, p.115-136, 7 2004. Disponível em: <<http://www.metaphorik.de/07/zinken.htm>>. Acesso em: 15 out. 2007.

Recebido em outubro de 2007

Aprovado em janeiro de 2008